

A participação do movimento de mulheres internacional nos debates que precederam e no próprio evento da ECO-92, PLANETA FEMEA, revela um fenômeno singular: este século de lutas do movimento feminista culmina com a emergência do feminino na política internacional. Não é mera coincidência as mulheres terem escolhido o slogan "to make a difference" - marcar a diferença - para ilustrar sua participação neste processo.

A vivência dessa trajetória permitiu observar que para as mulheres organizadas em coalizões internacionais participar da ECO-92 representou uma possibilidade única de recuperar a identidade, o perfil nítido de propostas políticas que tenham um sentido de transformação civilizatória. Os tópicos da Agenda 21 de Ação das Mulheres - documento elaborado no Congresso Mulheres por um Planeta Saudável realizado em novembro de 1991 em Miami, ganharam vida em discussões e planos de ações que revelam a responsabilidade que as mulheres querem assumir frente ao impasse com que se defronta a humanidade no limiar do terceiro milênio.

DEBATE POPULAÇÃO E MEIO-AMBIENTE

A temática população e meio-ambiente constituiu-se na prioridade número um da agenda do movimento de mulheres no contexto das atividades da ECO-92. Por esse mesmo motivo configurou-se no tema do Tratado que o movimento de mulheres firmou com as demais Organizações não governamentais presentes ao Forum Global.

A discussão do tema comporta uma infinidade de aspectos, alguns dos quais puderam ser sistematizados ou pelo menos levantados durante este processo por um trabalho a nível nacional desenvolvido pela Coalizão de Mulheres Brasileiras para a ECO-92.

A urgência em fazer luz a uma posição do movimento de mulheres no debate sobre população e meio-ambiente surgiu do forte sentimento de que havia mal-entendidos na formulação do problema e das soluções apresentadas tanto nos documentos oficiais quanto na visão de alguns ambientalistas.

A utilização do ultrapassado conceito malthusiano sobre a ameaça provocada pela "explosão populacional" serviu para desviar a atenção das verdadeiras causas do impasse com que se defronta o modelo de desenvolvimento, principal causa da degradação ambiental. Basta ver

que é justamente dos países industrializados, dos mais 'desenvolvidos', que provém grande parte dos problemas ambientais. Abrigando 25% da população mundial, esses países produzem 50% das emissões de gases causadoras do efeito estufa. Um habitante do Norte, segundo dados das próprias Nações Unidas, consome entre 14 e 115 vezes mais papel, de 6 a 52 vezes mais carne e de 10 a 35 vezes mais energia que um habitante de um país do Sul. Documentos da própria UNCED já começam a admitir essas evidências.

Esse e outros exemplos deram base ao argumento das mulheres de que o debate sobre população e meio-ambiente está inserido num marco complexo e não pode ficar restrito a prescrição de programas de controle populacional para países onde as taxas de natalidade ainda são altas. A reação a esses programas pode ser entendida na medida em que afetam um direito individual pelo qual as mulheres lutaram durante muitos anos: o direito de controlar nosso próprio corpo.

VISÃO DAS MULHERES

Essas e outras considerações a respeito da realidade contemporânea que confrontamos levam muitas feministas a situar hoje suas reflexões no contexto do questionamento ético. É sem dúvida essa a principal contribuição que as mulheres trazem ao debate ecológico.

Nas ações promovidas pelo movimento de mulheres internacionalmente, observa-se a necessidade de transcender à nível das propostas e das análises, o modelo de desenvolvimento industrial orientado ao consumo, baseado na dominação, sustentado por tecnologias desumanas que desrespeitam a natureza, os animais e os próprios seres humanos. Por esse mesmo motivo em muitos países do Sul transcender esse modelo é uma questão de sobrevivência. Segundo Vandana Shiva na Índia as mulheres lutam contra o "desenvolvimento" e a modernização porque destruíram sua base de sobrevivência. Impediram seu acesso à terra, à água, ao ar e às florestas. Separaram-nas do elo vital que as unia às suas comunidade e à sua cultura.

Mesmo nos países industrializados onde um maior número de mulheres tem acesso às vantagens oferecidas pelo sistema, o descontentamento é crescente. Foram necessárias apenas algumas décadas de participação política e econômica para que muitas mulheres se dêem conta de que a promessa de "uma melhor qualidade de vida" não se



cumpriu. Nos grandes centros urbanos a criminalidade, a violência sexual e doméstica contras as mulheres e as crianças aumenta, da mesma forma que aumenta o consumo de drogas, a depressão e o número de suicídios entre adultos e jovens. Quanto mais os países se desenvolvem e modernizam, mais as mulheres são alijadas de valores e tradições que marcaram a cultura feminina. Fundamentais para a sobrevivência humana. Ações que durante séculos foram marcadas pela gratuidade do afeto das mulheres se transformaram num serviço impessoal que tem preço e lugar no PIB Nacional. Um bom exemplo são os restaurantes e lanchonetes de fast-food.

O fato da cultura ter reservado às mulheres a esfera do privado onde há uma maior proximidade com o que a vida realmente é, nos ajuda a constatar que na prática uma

sociedade afluyente é uma sociedade cheia de mercadorias, onde todas as formas de vida são industrializadas e tudo tem um preço.

Os valores que sustentam a civilização moderna não tornaram as mulheres nem os homens mais felizes, destruíram a natureza e outras culturas. Esses talvez sejam os mais nítidos indicadores de seu fracasso que concedem às mulheres a possibilidade de falar com certa autoridade, desde um outro lugar. Tudo indica que o prisma feminino será o guia do próximo século. A ECO-92 foi o episódio desencadeador desse processo.

* REDEH-REDE DE DEFENSA DA ESPÉCIE HUMANA
Rio de Janeiro / BRASIL

ENTORNO A LA POLARIDAD MACHISMO-MARIANISMO

Norma Fuller *

En el presente trabajo nos proponemos dar un aporte a la discusión sobre la construcción de las identidades de género en las sociedades latinoamericanas. Revisaremos el caso del Marianismo y el Machismo en tanto los complejos culturales que expresan los símbolos centrales de la feminidad y la masculinidad. Nuestra finalidad es discutir la validez de la visión dualista que concibe a lo femenino y masculino en la cultura latinoamericana como expresado en términos de la oposición Doméstico/Público, Pureza sexual/sexualidad.

La visión dualista, asimila de manera lineal lo masculino a la esfera pública y al bien común y lo femenino a lo doméstico y los intereses privados. Finalmente articula estas oposiciones alrededor de la asociación honra/pureza sexual.

Consideramos que si bien las identidades de género tradicionales en Latinoamérica se construyen en base a las oposiciones de los símbolos mencionados, ello no ocurre universalmente, de manera que sea posible asimilar pureza sexual = mujer, esfera pública = masculino. Al interior de estas oposiciones se dan gradaciones y ambigüedades que es necesario aclarar para no tener una visión caricaturesca del Machismo y el Marianismo. Si bien ellos son mitos centrales en la identidad de género de nuestra cultura, no deben ser tomados como realidades unívocas, sino como formas de simbolizar nuestra manera de entender la femi-

nidad y la masculinidad en diferentes contextos y situaciones.

Nos proponemos usar el concepto de jerarquía desarrollado por Dumont¹ para entender las variadas formas que toma la oposición femenino/masculino en la mitología latinoamericana. Según este autor la racionalidad de los sistemas tradicionales no funciona según dicotomías universalmente válidas. En ellos, la jerarquía es el principio ordenador del todo social. Las unidades se relacionan entre ellas de manera que cada una ocupa un lugar predeterminado. Sin embargo, la jerarquía supone la distinción de dos niveles. Uno superior que expresa la unidad del conjunto. Otros inferiores que son contenidos por el superior. Estos niveles a su vez, se relacionan entre ellos en términos de complementaridad y reciprocidad. Pero las relaciones que ocurren entre cada uno de los niveles inferiores no son simétricas a los de los otros niveles, ni a las del nivel superior. De este modo en un sistema jerárquico es posible que lo masculino sea superior en general, pero la mujer puede ser superior al hombre cuando nos referimos a ciertas conductas y así sucesivamente. Cada nivel puede tener relaciones particulares que no reproducen el orden del todo. Al interior de esta lógica pueden ocurrir inversiones jerárquicas. En un nivel ser superior y en otro nivel ser inferior. Así por ejemplo el hombre es superior a la mujer como guerrero, en el espacio externo, pero inferior en el espacio doméstico, donde prima la madre.

